

O QUE É A POLÍTICA HOJE?

Por Antonio Ruzza¹

6

A política hoje continua sendo uma atividade muito importante, apesar do grande número de pessoas que mostra um desprezo para ela e se orgulha desse sentimento. Porém, me parece que o aspecto emocional é mais difuso, se comparado às ações e aos temas de 5-6 décadas atrás, quando o aspecto racional e os grandes planos pareciam prevalecer. O professor Sidnei citou a presença desta característica na política atual, ao lado de um aspecto instrumental, aquele das redes sociais que permitem a difusão das mentiras mais absurdas, aceitas pelas massas mais despreparadas e que confiam cegamente em um líder populista. Isso não é surpreendente, já que vários filósofos, como Maquiavel e Rousseau, mostraram como é fácil para um príncipe ou para um déspota ou para um oportunista encontrar pessoas fáceis de enganar: é só possuir uma boa capacidade retórica, que por isso Hobbes e Nietzsche condenavam por ser manipuladoras; porém, hoje, numa sociedade mais complexa, é necessário apresentar alguma ideia genérica, algum valor a ser perseguido. Mas voltando ao aspecto emocional, que mereceu o nome de psicologia de massas, além dos citados Le Bon e Freud, gostaria lembrar Reich, que justificou o sucesso do fascismo entre as duas guerras mundiais, a partir também de um erro dos marxistas: estes reduziram tudo à discussão econômica (salário, desemprego, meios de produção, exploração), e desconsideraram que há um fator, que Reich chama de misticismo (não em sentido religioso), que prevalece sobre a teoria puramente econômica das condições materiais. O seu pensamento continua atual e permite entender certas ações e comportamentos.

Para Reich, nas classes medias baixas, mas também no proletariado, havia e há ainda hoje uma dualidade entre forças retrógradas e forças progressistas, de base psicológica, individual ou de grupo. Dependendo do momento histórico, sobretudo em época de grave crise econômica e moral (como aquela após a primeira guerra mundial e aquela de hoje, pelo fracasso do neoliberalismo), as retrógradas podem prevalecer e se identificam no Fascismo. Este supera a clivagem entre o discurso econômico (o único de interesse marxista) e uma ideologia que ressalta sentimentos, valores, pensamentos tradicionalistas, nacionalistas, religiosos, racistas etc., que estão no subconsciente e podem ser desvelados por um populista habilidoso, como foram Mussolini e Hitler. Foi um erro dos comunistas da década de 1920, pensar que os fascistas eram só um instrumento, um grupo

¹ Possui graduação em Filosofia pela USJT (2005), e pós-graduação em "Formação de docentes para o ensino superior" pela Unifai (2006). É Mestre em Filosofia, linha de pesquisa "Epistemologia da Política e do Direito", pela USJT (2007). É Doutor em Filosofia, linha de pesquisa "Questões temáticas da Filosofia das Ciências Humanas" pela PUC (2018).

violento pago pelos empresários e latifundiários, para atacar os trabalhadores (em greve ou já em movimento revolucionário) operando fora da lei e com a tácita aprovação da polícia; quer dizer, fazendo o serviço sujo que as autoridades dos governos liberais-democráticos não podiam fazer. Pelo contrário, os fascistas tenham uma ideologia, uma concepção total do mundo a oferecer, uma terceira via teórica entre capitalismo e comunismo. Em certos momentos, esta ideologia política é atrativa, porque desvela sentimentos e visões que estão no inconsciente. Se depois, na prática, eles não tocaram o poder econômico da burguesia e se limitaram a retirar-lhe o poder político (que dizer, debandaram para o lado conservador), é outro discurso. O erro dos marxistas foi ignorar o fator subjetivo, e ter uma concepção rígida da ideologia dominante como de ser uma superestrutura de origem puramente econômica, e não social ou psíquica. Quando esta prevalece, nenhum argumento, nenhuma prova empírica, nenhum fato comprovado, terá força para mudar a percepção de origem psicológica sobre o mundo. Não adianta perguntar-se espantado: como é possível aceitar certas ideias?

É isso que me parece estar acontecendo na discussão política de hoje, não somente no Brasil, mas também na Europa e Estados Unidos. Há uma grande massa de pessoas que se sentem frustradas, decepcionadas com as promessas não realizadas pelo neoliberalismo, ressentidas pelo fracasso individual que atribuem a outrem, preocupadas com o risco de piorar a situação material (no caso da classe média, a proletarização). Surge uma desconfiança nas instituições, na ciência e na própria democracia, e uma confiança quase messiânica num líder populista que apresenta a solução (fácil de dizer, mas não de realizar; aliás, não quer realizá-las, porque assim se tornaria inútil; ele quer aumentar os problemas), e aposta nas paixões e alimenta emoções (sobretudo amor para ele, ódio para o outro e medo do futuro). A solução que tais pessoas encontram está num pensamento e num movimento que chamamos genericamente de conservador. É este aspecto da política atual que quero discutir, deixando bem claro que se trata de uma posição pessoal, com a qual é legítimo discordar.

O que hoje significa ser conservador? Este conceito, genericamente oposto ao de “progressista”, muda com o tempo e com o país em exame (por exemplo, é um partido histórico na Grã Bretanha). Vivemos a chamada “atual onda conservadora”, que pode ganhar as eleições; mas quando as perde, continua presente na vida política, porque é uma paixão que não extingue facilmente. Ela não tem propriamente uma teoria de como o Estado deve ser administrado e de como praticar a democracia; não tem absolutamente um projeto para o futuro, nem um programa político bem definido; recorre à mobilização política do povo contra “tudo o que está aí”, contra o “sistema”, porque o povo se sente traído por aqueles que prometeram liberdade, prosperidade e segurança, mas resultaram em burocracia, desemprego e criminalidade. O sentimento alimentado

é que as elites políticas, econômicas e intelectuais são corruptas, enquanto o povo é puro, honesto e trabalhador. E está sendo enganado. Isso é o chamo de populismo.

Os conservadores não são um movimento homogêneo, mas se dividem quanto à dois aspectos: a natureza do fundamento social (que chamaremos de grupo A e B); o tipo de crença e confiança na política (que identificaremos como grupo C e D).

Quanto ao fundamento, o grupo A defende uma ordem de valores transcendentais, na qual tudo é decidido por uma autoridade, que pode ser o líder populista inspirado por algo sobrenatural que o encarrega de dirigir a nação. Este fundamento é típico também dos governos teocráticos (como Irã e Afeganistão), que lamentam a substituição do direito divino pelo direito fundado na razão e na legislação humana; para eles, Deus é o autor de todos os Estados e das suas leis. Entre os seus adeptos históricos (século XIX), estão os inimigos da Revolução Francesa, saudosistas do Ancien Régime; os clericais que querem a religião no centro de todas as atividades humanas; os anti-iluministas que são críticos da democracia porque instável, da liberdade que leva à desordem, do sufrágio universal pelo qual os ignorantes decidem, da igualdade de direitos que é antinatural, do culto ao progresso que quebra as tradições, do laicismo que afastou a religião das práticas públicas. São eles: vários filósofos (De Maistre, Bonald) e escritores de valor reconhecido (Chateaubriand, Baudelaire, Balzac, Flaubert, Goncourt, Renan), todos franceses. Muitos deles até ficaram insatisfeitos com a Restauração, que retirou a origem divina ao rei e concedeu uma Constituição. Obviamente, hoje, os seguidores ocidentais deste fundamento o atualizam e admitem os conceitos de democracia, liberdade, sufrágio universal, progresso (porém, eles são interpretados a seu bel-prazer); mas continuam mantendo o aspecto transcendental, pelo qual algo é válido e moral se e somente se acompanha a vontade divina (ou aquela que eles entendem ser a vontade divina!). Existe até um saudosismo absurdo pela vida medieval (que poucos deles conhecem), com o seu imobilismo opressivo, a rígida divisão em castas, a escravidão, o desenvolvimento científico nulo (porque perigoso) e a hostilidade à emancipação humana.

Sempre com relação ao fundamento, o grupo B não recorre à origem divina, mas sustenta uma ordem consolidada pela História e pela cultura, ordem que deve sofrer poucas e raras modificações. Um representante típico desse segundo grupo é o irlandês Burke, que condenou a Revolução Francesa, somente um ano depois da sua explosão, por ser fruto da razão abstrata dos filósofos iluministas e por querer mudar tudo de uma hora por outra, diferentemente da Revolução Inglesa que foi feita em nome de algumas tradições, mantidas apesar da abolição do absolutismo monárquico em favor do parlamentarismo. Para ele, há uma realidade que não depende do homem e pode ser apreendida e conservada graças à tradição forjada pelos ancestrais, que fornecem sobretudo os valores morais. O conhecimento do passado nacional marca a continuidade e a

unidade da comunidade, e para isso são até necessários mitos e mentiras sobre a grandeza nacional, para regenerar o presente. A comunidade deve prevalecer sobre o indivíduo, considerado só uma célula social que deve seguir a lei da natureza, onde prevalece a hierarquia e a lei do mais forte. Tal pensamento faz parte do darwinismo social, introduzido posteriormente por Spencer e seguido por Bourget e Taine, entre outros: ele se adapta a uma mentalidade elitista e racista, pela qual a ideia de desigualdade é justificada pela natureza, na qual a sociedade está inserida.

Os dois grupos conservadores A e B têm em comum a rejeição declarada aos valores e concepções do Iluminismo, que teria provocado o enfraquecimento do Ocidente, por causa do espírito crítico, tolerância, defesa dos direitos humanos, respeito às minorias, amor à ciência e cultura, valorização da razão. Dependendo do aspecto analisado e de alguma situação específica, os conservadores podem também ser chamados de contrarrevolucionários, reacionários, antimodernos; etc. Às vezes, é difícil fazer uma distinção entre eles.

Passemos à segunda classificação, aquela com relação à crença e confiança na política; depende de uma visão otimista ou pessimista do ser humano e da sociedade. O grupo C, de forma otimista, defende uma identidade entre o Estado que representa a unidade (quer dizer, o fato que todos estão sujeito a um único sistema de leis) e a Nação (que teoricamente se caracteriza pela diversidade de grupos, etnias, classes; etc.). Esta identidade implica homogeneidade do povo. As diferenças sociais e materiais são desconsideradas; uma falsa harmonia esconde ou elimina os conflitos e as insatisfações, que são dirigidas para um outro objetivo, um bode expiatório, a partir da teoria da conspiração. Segue o desprezo às minorias e aos diferentes, que são ou escondidos ou excluídos ou perseguidos; surge a xenofobia e a oposição à imigração. Isso é típico do Fascismo, cujo adepto manifesta a negação do “outro”, valoriza a si mesmo por meio da diminuição do “outro”, realiza o desejo de audiência e de visibilidade, mostra a si mesmo que existe pela ação e pelo discurso agressivo mesmo que não entenda nada das ordens do líder, que ele obedece sem questionamento. Então, pela visão orgânica da sociedade, que implica homogeneidade, este populismo conservador de traço fascista nega o valor do sujeito individual.

Sempre com relação à crença política, o grupo D mostra um pessimismo quanto à própria política, porque o poder sempre corrompe (ideia derivada de filósofos republicanos, como Montesquieu): o governo tem a função de gerenciar os conflitos, que não são negados; tenta manter o status quo até que for possível, aceitando alguma reforma lenta e pequena, porque a sociedade moderna é estruturalmente antagônica. Não existe a homogeneidade, nem a união de interesses e objetivos defendidos pelo grupo C.

Opondo-se às teorias contratualistas sobre a origem humana da sociedade, os conservadores dos primeiros grupos de cada tendência (A e C) entendem que a sociedade foi criada

pela natureza ou por Deus, não pelo homem: ela é constituída por pessoas reunidas numa comunidade orgânica que se chama “povo”, com uma única tradição e um único objetivo nacional; nesta comunidade, as diferenças sociais, políticas, econômicas, não têm nenhuma importância e não devem ser questionadas; aliás, devem ser mantidas. E (pelo pensamento otimista) isso pode ser facilmente obtido, explorando o aspecto psicológico das massas, por meio da mentira e da propaganda de ódio. O povo não é uma abstração filosófica, mas um conjunto indiferenciado de pessoas. Isso é populismo conservador.

Filosoficamente, esses conservadores populistas querem restabelecer a unidade entre as ordens metafísica, política e moral, unidade de origem medieval que foi destruída pelos modernos: liberais (individualistas) e marxistas (coletivistas). Trata-se do conservadorismo político de traço fascista, que combate os dois produtos do Modernismo, isto é, Liberalismo e Comunismo, porque os dois estabelecem uma “ditadura” (!), respectivamente da burguesia e do proletariado, quebrando a unidade orgânica do povo. Este pensamento quer eliminar tudo o que pode dividir, desde partidos políticos e sindicatos até movimentos identitários e organizações não governamentais. No espectro político, o grupo conservador A/C está na extrema direita. Como dito antes, seria uma terceira via, saudosista do passado e contra tudo o que é moderno.

Esse é o primeiro tipo de conservadorismo populista otimista, porque acredita que pode resolver todos os problemas provocados pela Modernidade iluminista, por meio do retorno aos antigos valores: fundamento transcendental (grupo A) e identificação Estado / Nação (grupo C). Encontra o maior apoio nas classes média e baixa. Tem traços comuns com o Fascismo histórico (aquele de Mussolini e Hitler); porém, não pode ser reduzido ou confundido com ele. Segundo Finchelstein, os regimes fascistas podem ser resumidos e explicados a partir de quatro elementos: ditadura do partido com liquidação de qualquer forma democrática e liberal pelo controle total das instituições; glorificação da violência e militarização da política; xenofobia, racismo e nacionalismo de dominação como elementos centrais da política interna e externa, para manter o povo unido e motivado contra um pretense inimigo comum; uma técnica de propaganda baseada nas mentiras. Estes elementos levavam inevitavelmente à guerra, definida pelos fascistas de “higiene do mundo”, porque eliminava várias categorias de indesejáveis. Aos atuais conservadores de traços fascistas, faltam os dois primeiros elementos (e, no terceiro elemento, o seu nacionalismo não é de dominação, mas é defensivo; portanto, não leva a uma guerra). Então, por enquanto, eles só representam uma ameaça fascista, uma espécie de pós-fascismo. É um erro histórico liquidá-los como puramente fascistas.

Porém, existe um segundo tipo de conservadorismo pessimista, porque baseado nos outros dois elementos B e D: um fundamento histórico-cultural que mostra os desastres provocados pelo

homem (guerras, perseguições etc.), e uma descrença na política cujas instituições podem funcionar só pela inevitável corrupção (pelo menos, no Brasil, no qual a corrupção é cultural e endêmica). O homem nunca atingirá a perfeição, não poderá mudar a sua natureza (geralmente, má), nem resolver todos os problemas sociais, em particular, as desigualdades. Estas, desde Rousseau e ainda hoje, são um tema central da discussão política; não foram solucionadas e periodicamente aumentam. Nunca existirá o “homem novo” (pretensão dos conservadores fascistas e dos revolucionários marxistas). Evita-se, assim, o nacionalismo perigoso, no qual cai o primeiro tipo de conservadorismo, quando passa por dificuldades internas, pela necessidade de ter sempre um inimigo externo que seria causador das dificuldades. Para os conservadores do segundo grupo, o governo deve fazer o melhor possível em cada situação, sem grandes planos para um futuro brilhante, só gerenciando conflitos e insatisfações que nunca serão eliminadas. Eles lutam para manter uma ordem em dissolução, tentando adiá-la e salvando o que for possível. Quando tal ordem está perdida, se eles lutam para restaurá-la e voltar ao passado, o termo mais apropriado é chamá-los de reacionários. No espectro político, o grupo está na direita ou centro-direita.

Assim, o segundo tipo de conservadorismo é cético e prudente. Pensa que as coisas boas são difíceis de conquistar e fáceis de perder (como a democracia liberal); o contrário acontece com as coisas más. O comportamento moral é consolidado pelo hábito, a convivência, o cálculo utilitarista (respeito às regras por medo da punição). Assim, este conservadorismo se aproxima ao liberalismo político e se afasta do fascismo. Isso acontece, entre outros, no Reino Unido, na França e nos Estados Unidos (antes de Trump). Ele encontra mais adeptos nas classes altas, que têm saudade dos tempos nos quais prevaleciam os valores tradicionais e hierárquicos, e nos quais as pessoas desfavorecidas tinham menos direitos e oportunidades, e não se misturavam a eles. Estas classes são oportunistas: historicamente, quando se sentiram ameaçadas no seu status, não duvidaram em apoiar e aderir ao Fascismo.

Caso seja considerado interessante, é possível discutir e verificar em que grupo pode ser enquadrado o governo brasileiro, que está na sua última fase. Ele defendeu suas convicções morais e políticas baseadas em três eixos. O primeiro é um nacionalismo beligerante contra ideias que vêm de fora, consideradas ameaças globalistas e ambientalistas que por exemplo querem mandar na Amazônia, além do comunismo (definido ser estranho à alma brasileira); o isolamento internacional é minimizado. O segundo é um moralismo que investe contra tudo o que é público porque seria corrupto, e transfere as suas atribuições ao privado: a família (que deveria educar a nova geração, e não importa se ensina que a Terra é plana) e o mercado (para reduzir os direitos sociais que estimulariam a preguiça e a vagabundagem). O terceiro é o antielitismo, pelo qual o presidente diz representar o homem comum, sem gosto pela cultura (que seria dominada pelos marxistas), sem

confiança na ciência e nas universidades. Esta política conservadora iniciou a destruição do ambiente, da saúde, da educação. Em suma, o populismo brasileiro se aproveitou da polarização política e dos grandes temas sociais nunca resolvidos, da manutenção cultural de um pensamento racista; apresenta uma agenda conservadora com traços fascistas (mas, como dito, não fascista), com defesa de valores tradicionais nacionais (mais fortes no mundo rural), abuso e distorção da religiosidade popular, largo uso da mentira nas redes sociais e nas manifestações oficiais, retórica antissistema (recusa de um governo com base partidária fixa), aceitação do liberalismo econômico (submissão ao mercado, redução dos investimentos estatais em saúde e educação), recusa dos pilares do liberalismo político (que, lembremos, consiste no respeito das minorias e dos direitos individuais, na interpretação não abusiva da liberdade individual, na tolerância com os adversários, no reconhecimento da legitimidade do outro, no debate equilibrado, na rejeição de ações autoritárias). Na nossa opinião, o conservadorismo brasileiro é do tipo A e C.